

Centrão fica sem pai nem mãe

No polarizado segundo turno da eleição presidencial, um grupo político que já foi poderoso, responsável inclusive pela conquista do presidente José Sarney de um mandato de cinco anos, poderá ser alijado da campanha. Trata-se da ala governista do PMDB, simbolizada pelo ministro Roberto Cardoso Alves, publicamente rechaçada pelos três candidatos com chances de chegar ao segundo turno os ex-governadores Fernando Collor e Leonel Brizola e o deputado Luiz Inácio Lula da Silva. A ala governista do PMDB, que já foi marginalizada pelo próprio partido no primeiro turno, esperava negociar em bloco o seu apoio a um dos concorrentes no segundo turno. Situação semelhante só a dos pefelistas que articularam a desastrosa candidatura do empresário Silvio Santos, cujo apoio ninguém quer, realçando o isolamento político do presidente José Sarney e de seus mais fiéis aliados.

O ministro Roberto Cardoso Alves não parece disposto a aceitar o veto dos candidatos e insiste na rea-

lização de uma Convenção Nacional do PMDB para definir o apoio a um dos dois concorrentes no segundo turno. O deputado Hélio Duque, da Executiva Nacional do PMDB, descarta a proposta: "Não vamos sequer examina-la. Queremos vê-los fora do partido. Aliás, eles estão numa situação no mínimo incômoda na sucessão presidencial — os progressistas não querem conversa com eles e nem o Fernando Collor aceita o apoio deles".

A ala governista do PMDB está numa berlinda: Fernando Collor, com quem se afina ideologicamente, se proclama o inimigo número um do presidente José Sarney, dificultando qualquer aliança ostensiva. Apoiar um candidato identificado com a esquerda para políticos de bases conservadoras não seria uma opção, mas um verdadeiro suicídio eleitoral. A alternativa que parece lhes restar é a mesma do primeiro turno: a ausência da campanha, o que, para quem tem liderança política e pretensões eleitorais, é bastante desgastante.